

Coordenação de Armindo Rodrigues

Projeto Tartaruga Boa Vista: a união que faz a força

Autora:

Daniela Gabriel

No passado mês de setembro, tive a oportunidade de conhecer a peculiar ilha da Boa Vista (Cabo Verde), que visitei como investigadora do CIBIO Açores – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade dos Açores†. Uma ilha plana, seca, rodeada de praias brancas com enorme aptidão para o turismo, diriam alguns. Perfeita para a desova, diriam as tartarugas. Assim, nesta ilha quase do tamanho da ilha de São Miguel, encontramos uma grande oferta turística (cerca de 200.000 hóspedes*), bem como cerca de 80% dos ninhos de tartarugas-comuns ou tartaruga-cabeçuda (*Caretta caretta*) em Cabo Verde (68.230 ninhos*). Devido à escassez de água doce, a produção de alimentos na Boa Vista foi sempre limitada, e, por isso, a população local, com cerca de 14.000 habitantes, tem uma forte história de caça às tartarugas e apanha de seus ovos. E a questão que salta aos olhos é: como gerir tantos usos e interesses que aparentemente se apresentam conflituosos? A resposta surgiu com a criação de um projeto de colaboração entre três organizações não governamentais (ONGs) e o Ministério da Agricultura e Ambiente (MAA): o Projeto Tartaruga Boa Vista. O que torna esse projeto especial não é apenas a colaboração total dos envolvidos, mas também a larga área de ação do projeto, que vai da fiscalização e implementação da legislação existente, passando pela inves-

tigação científica, pela educação ambiental nas escolas, comunidades locais e hotéis, ao desenvolvimento comunitário, contando ainda com o envolvimento da população em todas as vertentes do projeto. Além das ONGs: Fundação Tartaruga Cabo Verde; Cabo Verde Natura 2000; Bios.CV e da Delegação local do MAA; o projeto conta com vários parceiros como: a Polícia Nacional; a Associação Varandinha de Povoação Velha; a Associação Onze Estrelas Clube de Bofareira; as Áreas Protegidas da Boa Vista; e a Fundação MAVA, entre outros.

Após a publicação da lei que criminaliza a apanha da tartaruga (D.L. nº 1/2018, de 21 de maio), muitos habitantes passaram a trabalhar na conservação e observação turística de tartarugas. Com 178.196 saídas de tartarugas* e 10.098 visitantes* interessados na observação desses animais, surgiram várias oportunidades: vigilância das praias protegidas (16 guardas financiados por operadores turísticos*), condução de turistas para observação de tartarugas (86 taxistas receberam autorizações para observação de postura de ovos*), limpeza das praias e áreas protegidas adjacentes, e educação de determinados grupos alvo (alunos do ensino básico, centro de idosos de Sal Rei, crianças durante as férias escolares, e outros interessados). Enquanto a penalização da apanha de tartarugas levou a um aumento no número de postura de ovos, a transferência



Figura 1 – Resgate de uma tartaruga na Praia da Cruz. Foto: BIOS.CV (esquerda). Viveiro da Fundação Tartaruga em Lacação. Foto: Daniela Gabriel (direita)

Coordenação de Armindo Rodrigues

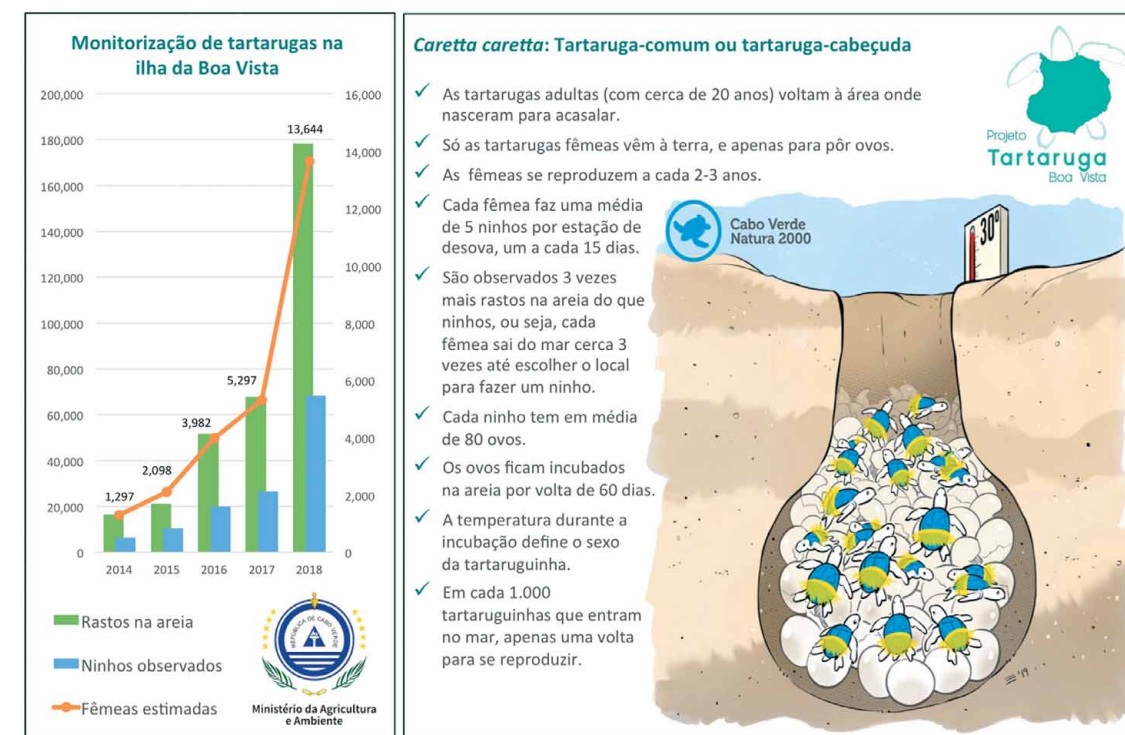


Figura 2 – Evolução da monitorização de tartarugas, com base em dados do MAA (esquerda). Curiosidades científicas, com o apoio das ONGs do Projeto Tartaruga Boa Vista. Ilustração do ninho: Cabo Verde Natura 2000. (direita)

de ovos postos em zonas de risco para viveiros protegidos garante um maior sucesso no nascimento das crias. Os dados também indicam que a observação turística, quando feita segundo as regras de boa conduta, não influencia o tempo de desova nem a quantidade de ovos postos pelas tartarugas. Além disso, a taxa que os operadores turísticos pagam para obterem a permissão para observação reverte a favor da comunidade local, assim como da vigilância e da conservação das tartarugas. Apesar das limitações de recursos humanos, a fiscalização está a ser incrementada nas áreas onde a vigilância ainda é insuficiente, nomeadamente com a utilização de drones e cães treinados para farejar a carne de tartaruga. As denúncias também têm vindo a aumentar, uma vez que a população está mais sensibilizada para o tema e qualquer pessoa

pode apresentar uma queixa de crime ambiental. Se ainda há dificuldades? Todos dirão que é certo que sim... Mas com um aumento de mais de 150 % no número estimado de fêmeas, eu diria que a Boa Vista está num bom caminho e os resultados não negam que a união faz a força!

† A referida viagem decorreu no âmbito do Projeto PADDLE, dando seguimento aos trabalhos dos meus colegas Helena Calado e João Porteiro (Faculdade de Ciências e Tecnologia), Fernando Lopes (Faculdade de Economia e Gestão) da Universidade dos Açores, que visitaram outras Ilhas abrangidas pela TAOLA – Rede Nacional de Proteção das Tartarugas Marinhas de Cabo Verde.

* Dados referentes ao ano de 2018, fornecidos pelo MAA.

PADDLE - um mar de todos e para todos



O Projeto PADDLE – Planning in A liquid world with tropical Stakes, pretende desenvolver um diálogo entre a Europa, a África e o Brasil acerca das oportunidades e limitações do Ordenamento do Espaço Marítimo. Financiado pelo Programa H2020 (MSCA-RISE 734271) e

coordenado pelo Instituto Nacional Frances para o Desenvolvimento Sustentável, conta com várias entidades participantes, dentre elas a Universidade dos Açores e o Instituto Nacional de Desenvolvimento das Pescas (Cabo Verde).